

O CONTRIBUTO DE JOÃO PAULO II PARA A REFORMA LITÚRGICA

(II)

2. MAGISTÉRIO DA RENOVAÇÃO AO APROFUNDAMENTO

A fidelidade à renovação litúrgica do II Concílio do Vaticano e a continuidade da Tradição eclesial nortearam a liturgia nos 27 anos de pontificado de João Paulo II, tanto na *lex credendi* (lei da fé, magistério) como na *lex orandi* (lei da oração, celebrações litúrgicas) e, sobretudo, na arte de viver e celebrar o mistério de Cristo.

Ao levar a cabo a reforma e o incremento da liturgia, o Sumo Pontífice João Paulo II realizou a finalidade da mesma, isto é, «fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja»¹. A dinâmica da reforma litúrgica é a da renovação na continuidade da Tradição da Igreja e a abertura ao legítimo progresso. A par das línguas nacionais inscreve-se a simplificação dos ritos conduzidos por uma nobre simplicidade e beleza.

Em ordem à prossecução da reforma litúrgica, J. Paulo II advertiu constantemente para a importância dos princípios orientadores da Constituição *Sacrosanc-*

tum Concilium, a saber: a actualização do Mistério pascal; a leitura da Palavra de Deus; a manifestação da Igreja a si própria.

Partindo destes princípios que devem reger a renovação da vida litúrgica, o Papa apontou para a etapa seguinte, isto é, a pastoral e a espiritualidade litúrgicas: «Efectivamente a reforma da Liturgia preconizada pelo Concílio do Vaticano II já se pode considerar posta em prática. A pastoral litúrgica, pelo contrário, constitui tarefa permanente no intuito de haurir cada vez mais abundantemente, na riqueza da Liturgia, energia vital que, dimanando de Cristo, se difunde pelos membros do seu Corpo que é a Igreja»². De facto, podemos dizer que as novidades introduzidas pela reforma litúrgica já foram implementadas, dando lugar à fase da pastoral e da espiritualidade litúrgicas.

Consciente de que a liturgia devia contribuir para a renovação global de toda a Igreja, o Papa afirmou: «Existe, efectivamente, uma ligação muito íntima e orgânica entre a renovação da Liturgia e a renovação de toda a vida da Igreja. A Igreja não só age, mas também se exprime na Liturgia vive da liturgia e vai haurir na Liturgia as energias para a sua vida. (...) E também daqui por diante há-de ser nossa

¹ SC 1.

² JOÃO PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* (04.12.1988), n. 10.

particular solicitude promover e dar seguimento à renovação da Igreja, segundo a doutrina do Concílio Vaticano II, no espírito de uma sempre viva Tradição»³. A reforma da liturgia não é um movimento isolado. Esta interage com o movimento bíblico, o movimento ecuménico, o renovado vigor missionário e com a investigação teológica, antes e depois do evento conciliar. A renovação litúrgica aparece, em certo sentido, como o padrão e a condição para se porem em prática os ensinamentos conciliares.

Em geral, a reforma litúrgica foi bem acolhida na Igreja de rito latino. Todavia, na aplicação concreta desta reforma, o Papa identificou algumas dificuldades, realçou alguns resultados positivos e referiu algumas aplicações erradas⁴. Quanto às dificuldades e erros assinala a indiferença de alguns no acolhimento dos novos livros, a maneira unilateral e exclusiva na recepção da renovação por outros e as inovações fantasiosas realizadas. Por outro lado, o Santo Padre dá graças a Deus pela mesa da Palavra de Deus aberta a todos; pelo esforço das traduções da Bíblia, do Missal Romano e os demais livros litúrgicos; pelo aumento da participação dos fiéis; pelos ministérios desempenhados por um número cada vez maior de leigos; pela vitalidade que irradia de tantas comunidades cristãs.

A tal propósito, o Papa lembrou a todos os responsáveis do dicastério da Cúria romana que promove a liturgia, o objetivo da reforma litúrgica: «quanto foi realizado pela vida litúrgica, tanto antes do Concílio Vaticano II como no período dos trabalhos conciliares e depois da reforma litúrgica, que deles derivou como

aplicação, era facilitar a assimilação do “espírito da liturgia” e, a partir dele, a compreensão das acções litúrgicas no seu valor justo e essencial»⁵. O verdadeiro sentido da liturgia é celebrar o mistério de Cristo no mistério da Igreja, para glória de Deus e para a santificação dos homens.

Aquando da reforma da Cúria romana através da Constituição apostólica *Pastor bonus*, o Santo Padre deu uma configuração nova à então chamada Congregação para o culto divino. A Congregação passou a designar-se Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos, com a missão de animar e de coordenar o *munus santificandi* na Igreja latina. A esta Congregação compete regular e promover a Liturgia, especialmente os sacramentos, vigiar sobre a disciplina sacramental e apoiar os diversos organismos que se dedicam ao apostolado litúrgico, à música, ao canto e à arte sacra.

Em ordem ao futuro da renovação litúrgica, o Papa J. Paulo II salientou que: «A Liturgia da Igreja ultrapassa muito a reforma litúrgica. Não nos encontramos na mesma situação que se vivia em 1963; há uma geração de Sacerdotes e de fiéis que não chegaram a conhecer os livros litúrgicos anteriores à reforma, sobre a qual incide a responsabilidade na Igreja e na sociedade. Por conseguinte, não se pode continuar a falar de mudança, como na altura da publicação do Documento, mas sim de aprofundamento cada vez mais intenso da Liturgia da Igreja, celebrada segundo os livros actuais e vivida, primeiro que tudo, como um facto de ordem espiritual»⁶. Da renovação ao aprofundamento, eis o impulso para o futuro da pastoral e espiritualidade litúrgicas.

³ JOÃO PAULO II, Carta *Dominicae Ceneae* (24.02.1980), n. 13.

⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* (04.12.1988), nn. 11-13.

⁵ JOÃO PAULO II, «Audiência à assembleia plenária da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos», *Osservatore Romano*, edição portuguesa 20 (1996) 5.

⁶ JOÃO PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* (04.12.1988), n. 14.

O progresso na renovação implica, por sua vez, a formação bíblica e litúrgica dos pastores e dos fiéis, a começar nos Seminários e casas de formação até chegar às comunidades paroquiais e aos vários grupos cristãos. Quanto a este aspecto, o Papa reconhece que «onde os responsáveis estabeleceram uma boa catequese sobre os temas fundamentais e sempre recorrentes na celebração litúrgica, tais como a história da salvação, o mistério pascal, a aliança, os vários modos da presença de Cristo na liturgia, o sacerdócio de Cristo, o sacerdócio ministerial e o comum, etc., os fiéis puderam progredir de modo sensível na compreensão dos conteúdos da fé, dela tirando motivo para aquele amadurecimento cristão que o contexto sócio-cultural hodierno exige com urgência cada vez maior»⁷.

Se já muito se fez depois do II Concílio do Vaticano para viver o sentido autêntico da liturgia, falta ainda muito por fazer. O grande esforço de formação e de renovação tem como finalidade favorecer a compreensão do verdadeiro sentido das celebrações da Igreja, através de uma mistagogia litúrgica e da participação activa e consciente dos fiéis. Daí a interpelação do sucessor de Pedro «é urgente que se reavive na Igreja o autêntico sentido da liturgia»⁸. A liturgia é, com efeito, um instrumento de santificação na celebração da fé da Igreja. Ela constitui, juntamente com a Sagrada Escritura e os ensinamentos dos Padres da Igreja, uma fonte de sólida e verdadeira espiritualidade cristã.

De um conceito assim da liturgia emerge “o estilo sacramental da vida do cristão”: «Efectivamente, levar uma vida

baseada nos Sacramentos, animada pelo sacerdócio comum, quer dizer, antes de mais nada, da parte do cristão, desejar que Deus actue nele para o fazer chegar no Espírito “à plena estatura de Cristo”. E Deus, da Sua parte, não o toca somente através dos acontecimentos e com a sua graça interna, mas age nele, com maior certeza e vigor, através dos Sacramentos. Estes conferem à vida do cristão um estilo sacramental»⁹. A liturgia é, portanto, o lugar dos sacramentos e a sua celebração funciona como pedagogia da fé e da experiência cristã. Na verdade, a fé que se celebra nas acções litúrgicas é a mesma que é formulada pela teologia.

O Santo Padre deu um grande relevo à celebração dos sacramentos, especialmente à Eucaristia e à Reconciliação. Ele mesmo testemunhou que «o momento mais importante e mais sagrado é a celebração da Eucaristia. É dominante em mim a consciência de celebrar no altar *in persona Christi*. (...) A Santa Missa é de modo absoluto o centro da minha vida e de cada um dos meus dias»¹⁰. Ao mesmo tempo, promoveu também outras formas de oração comunitaria, como o culto eucarístico fora da Missa; a celebração pessoal e comunitária da Liturgia das Horas e a sua ligação com o mistério eucarístico; a piedade popular a «ser vivida sempre de harmonia com a liturgia da Igreja e em conexão com os sacramentos»¹¹; o domingo, dia do Senhor.

Entre as prioridades pastorais para o novo milénio, João Paulo II apontou a santidade, a oração, a Eucaristia dominical, o sacramento da Reconciliação, o primado da graça, a escuta da Palavra e o anúncio

⁷ JOÃO PAULO II, Discurso aos Presidentes e secretários das comissões nacionais de liturgia, no XX aniversário da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, *Osservatore Romano*, edição portuguesa 45 (04.11.1984), 3.

⁸ JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Europa* (28.06.2003), n. 70.

⁹ JOÃO PAULO II, Carta *Dominicae Cenaes* (24.02.1980), n. 7.

¹⁰ JOÃO PAULO II, Testemunho (27.10.1995), n. 3.

¹¹ JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Europa* (28.06.2003), n. 79.

da Palavra¹². A liturgia é interpelada diretamente pela nova evangelização, pelo desafio da arte “mistagógica”, pela redescoberta do valor do silêncio, pela ousadia da oração da Liturgia das Horas¹³. A este respeito, o Papa lançou uma proposta: «A ideia de um dia da comunidade cristã, em que se conjuguem, os múltiplos compromissos pastorais e de testemunho no mundo, com a celebração eucarística e mesmo com a reza de Laudes e Vésperas, é talvez mais “pensável” do que se crê»¹⁴. Aprender esta arte de rezar é entrar dentro do mistério da liturgia como meta e fonte da vida eclesial.

Outro elemento importante a considerar é a adaptação da Liturgia às diferentes culturas. Primeiro foi a adaptação das línguas, passando à adaptação dos ritos, mas «A adaptação às culturas exige também a conversão do coração e, se for necessário, até a ruptura com hábitos ancestrais incompatíveis com a fé católica»¹⁵. O vasto campo da inculturação litúrgica continua a reclamar um maior cuidado e atenção de todos os agentes pastorais.

O Papa salienta ainda problemas novos e importantes, como por exemplo: o diaconado permanente, as funções litúrgicas confiadas aos leigos, as celebrações litúrgicas para as crianças, para os jovens e os deficientes. Por fim, pede que se tenha em consideração a piedade popular cristã e a sua relação com a vida litúrgica¹⁶. Para tal propõe que as formas populares sejam valorizadas com o devido discernimento e que se eduque para as formas litúrgicas.

A quarenta anos da *Sacrosanctum Concilium* o Papa expressa o grande desejo da passagem de uma pastoral litúrgica a uma verdadeira espiritualidade litúrgica: «Que este início de milênio se desenvolva uma “espiritualidade litúrgica”, que leve as pessoas a tomarem consciência de Cristo como o primeiro “liturgo”, que não cessa de agir na Igreja e no mundo, em virtude do Mistério pascal continuamente celebrado, e associa a Si mesmo a Igreja para louvor do Pai, na unidade do Espírito Santo»¹⁷.

As realidades fundamentais para a espiritualidade litúrgica, operada pelo renovamento litúrgico do II Concílio do Vaticano são, entre outras, o uso dos Salmos, a frequência da leitura da Bíblia como *lectio divina*, a experiência de uma assembleia orante, o conhecimento e a familiaridade com os grandes textos dos Padres da Igreja e dos escritores eclesiais. A espiritualidade litúrgica é a espiritualidade cristã, porque esta não pode ser assim chamada a não ser por via sacramental.

Por fim, qual a resposta para a grande questão: «É vivida a liturgia como “fonte e cume” da vida eclesial, segundo o ensinamento da *Sacrosanctum Concilium*?»¹⁸. Respondendo ao desafio, João Paulo II propôs que a pedagogia renovadora da vida litúrgica seguisse um itinerário desde a reforma litúrgica do II Concílio do Vaticano até à pastoral e à espiritualidade litúrgicas.

JOSÉ CORDEIRO

¹² JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte* (06.01.2001), nn. 38-55.

¹³ Cf. JOÃO PAULO II, *Spiritus et Sponsa* (04.12.2003), n. 11-15.

¹⁴ JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte* (06.01.2001), n. 34.

¹⁵ JOÃO PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* (04.12.1988), n. 16.

¹⁶ JOÃO PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* (04.12.1988), n. 17-18.

¹⁷ JOÃO PAULO II, *Spiritus et Sponsa* (04.12.2003), n. 16.

¹⁸ JOÃO PAULO II, *Tertio Millennio Adveniente* (10.11.1994), n. 36.